

# NARRATIVAS SOBRE UMA EXPERIÊNCIA DE ENSINO DE HISTÓRIA (CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO INDÍGENA /UFCG)

Regina Coelli Gomes Nascimento<sup>1</sup>

## RESUMO

Este texto trata de uma reflexão sobre uma experiência de ensino de História no Curso de Licenciatura em Educação Indígena (PROLIND) da Universidade Federal de Campina Grande na cidade de Baía da Traição - PB.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de história – PROLIND – Educação Indígena

## ABSTRACT

This text is a reflection on an experience of teaching history in the Federal University of Campina Grande Course of Graduation of Indigenous Education (PROLIND), in the town of Baía da Traição - PB.

KEY WORDS: Teaching History, PROLIND, Indigenous Education

## Introdução

Este texto nasceu de um desejo muito particular: após lecionar a disciplina História Geral I no Curso de Licenciatura em Educação Indígena da UFCG (PROLIND),<sup>1</sup> no primeiro semestre de 2010, e vivenciarmos momentos de ansiedade e dúvidas com relação ao planejamento das atividades que seriam desenvolvidas ao longo do semestre, algumas questões nos instigaram a pensar sobre o sentido do saber histórico em um curso de formação de professores indígenas, especialmente, por se tratar de uma turma diferenciada, isto é, a maioria era professores e professoras de escolas indígenas, alguns com formação acadêmica em educação e outros com curso pedagógico em nível médio concluído. Assim, algumas questões sobre o sentido do ensino de história na contemporaneidade foram revisitadas nas aulas e contempladas neste artigo. Como leitores ávidos por novos

---

<sup>1</sup> Doutora em História pela Universidade Federal de Pernambuco. Professora da Universidade Federal de Campina Grande. Email: [reginacgn@gmail.com](mailto:reginacgn@gmail.com)

horizontes educacionais, convido-lhes para percorrer esta trajetória em busca de outras experiências de ensino de história.

### **A criação do curso**

O Curso de Licenciatura Indígena<sup>ii</sup> foi criado no ano de 2009, pela Resolução n. 34/2009 direcionado para atender um antigo anseio do povo Potiguara, habitantes do Litoral Norte da Paraíba, abrangendo os municípios de Rio Tinto, Baía da Traição e Marcação. Somam cerca de 10 mil índios distribuídos em aldeias e na zona urbana dos municípios.

Segundo o Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Educação Indígena,<sup>iii</sup> o mesmo está estruturado em dois núcleos. O primeiro, com duração de 2 anos, composto por 4 módulos de estudo, comum a todas as licenciaturas, oferece subsídios para a formação do professor pesquisador e tem como objetivo a formação geral do professor indígena para o ensino fundamental. O segundo núcleo, também com duração de 2 anos, inclui, em seus componentes curriculares, dois Estágios Supervisionados e a elaboração de uma monografia. Nesse momento, que tem por objetivo a formação do professor indígena para atuar no ensino médio, o aluno já deve ter optado, com base em todos os conhecimentos adquiridos no primeiro núcleo, por uma das 4 áreas de conhecimentos. Se optar pela área de conhecimento Ciências Exatas, por exemplo, estará apto para ministrar o ensino de Química no ensino médio. Caso opte pela área de conhecimento Ciências da Natureza, o formando estará apto a ministrar a disciplina Biologia no ensino médio. A área de conhecimento Língua e Literatura forma o profissional para atuar nessas disciplinas. Já a área de conhecimento em Ciências Sociais, habilitará para o ensino de Sociologia, Antropologia, História e Geografia.

O primeiro vestibular ocorreu no dia 23 de agosto de 2009 e foi coordenado pela Comissão de Processos Vestibulares (COMPROV) da Universidade Federal de Campina Grande. Foram oferecidas 50 vagas, reservadas para professores reconhecidamente indígenas, que já haviam concluído o ensino médio e lecionavam em escolas indígenas que funcionam no interior da Terra Potiguara. O curso teve início no segundo semestre de 2009 contando com 48 estudantes matriculados.

No primeiro semestre de 2010, os professores do campus I da UFCG deslocavam-se para a Escola Indígena Akajutibiró, na cidade de Baía da Traição-PB, local onde o curso é ministrado. Esta era uma situação diferenciada do que normalmente acontece na UFCG quando quem faz o deslocamento são os alunos para a instituição. Naquele momento estávamos vivendo uma situação inversa: professores e professoras da UFCG eram os estranhos que chegavam nos finais de semana com toda uma parafernália que incluía livros, textos, vídeos e uma série de atividades para serem vivenciadas. Inicialmente, quando recebemos o convite para lecionar a disciplina História Geral I, algumas questões nos chamaram atenção: qual o papel do professor de história em uma sala de aula com essas especificidades? Quais os interesses dos alunos e alunas? Que metodologias utilizar? De que forma articular os conteúdos propostos com os interesses da turma? Qual o sentido da História para o grupo?

Com essas preocupações, e de posse das informações cedidas pela coordenação do curso, organizamos um plano de trabalho em que fosse priorizado os interesses do grupo, ou pelo menos o que considerávamos que era de interesse da maioria e que atenderia a ementa da disciplina:

Estudo da história e da historiografia das antigas civilizações do Ocidente greco-romano; Ocidente Medieval compreendido entre os séculos IV e XVI; formação da modernidade no mundo ocidental; as transformações estruturais, mudanças conjunturais, concepções e conceitos que marcaram a modernidade; Humanismo, Renascimento e Reformas.

A partir da ementa foi possível definir conteúdos, objetivos, metodologias, estratégias de avaliação e bibliografia básica e complementar. Para desenvolvimento das atividades de ensino teríamos 06 encontros presenciais com seis horas de duração cada um totalizando 36 horas, também poderia contar com 12 horas aulas não - presenciais, além das aulas no bloco concentrado em Campina Grande - PB com 12 horas. Com base nessas informações iniciamos o trabalho.

Do ponto de vista metodológico, optamos por trabalhar com eixos temáticos elaborados a partir da cronologia tradicional da História e teve como pressuposto as várias formas de produção do saber como uma invenção da tradição filosófica e científica ocidental. Assim, definimos quatro eixos: 1) O saber histórico e as leituras sobre o mundo: a diversidade de

temas e de fontes, o diálogo sobre a verdade da história; 2) As relações de poder na Antigüidade Ocidental; 3) A visão Providencialista da história e a Idéia de Felicidade e 4) razão e religião na construção do homem moderno”.

### **A realização do curso**

No primeiro encontro, apresentamos e discutimos o planejamento e começamos a trabalhar o primeiro eixo temático “O saber histórico e as leituras sobre o mundo: a diversidade de temas e de fontes; o diálogo sobre a verdade da história”. Iniciamos a discussão refletindo sobre o sentido da história para o grupo, em seguida propomos a leitura do texto de Jose Carlos Reis “O sentido da História”<sup>iv</sup> e exibimos o filme “narradores de Jave”<sup>v</sup>. A utilização do filme nas aulas de história foi pensada a partir da perspectiva de que:

A produção cinematográfica, como recurso didático, possibilita o debate historiográfico na medida em que ela projeta interpretações. O filme traz um conhecimento que também é produzido, assim, como o é aquele que chamamos de histórico. Nessa ótica, a linguagem cinematográfica pode expressar conhecimento elaborado a partir das inserções sociais, políticas de seus diretores e adaptadores. Por outro lado, as leituras que fizemos dele, como historiadores, são informadas pelos nossos referencias teórico-metodológicos, que nos colocam como sujeitos do conhecimento que produzimos.<sup>vi</sup>

A partir dessa perspectiva, buscamos refletir sobre historia do texto e do filme em sala de aula ao aproximar questões propostas por Reis sobre a escrita da História e as situações representadas no filme sobre história, memória, verdade, interpretação, linearidade e produção do saber histórico. Esta experiência permitiu refletir coletivamente sobre situações vivenciadas pelo grupo, especialmente, sobre quem escreveu e escreve a História dos Potiguara. Os alunos passaram a discutir sobre a legitimidade do conhecimento histórico, quem escreve? Para quem escreve? Qual a finalidade da narrativa histórica?

Esta discussão foi recorrente nas aulas seguintes, uma vez que se desejava questionar não apenas a escrita da história que estava sendo lida, mas também a escrita da História dos Potiguara, geralmente escrita por não-indígenas. E, nesse processo de conhecimento recíproco, na aula seguinte, os alunos apresentaram um livro produzido por professoras e alunos nas escolas indígenas onde trabalham. Ao apresentar uma narrativa autoral do grupo percebe-se o desejo de revisitar histórias, experiências educacionais vívidas e o desejo de

reafirmar o lugar de fala do grupo.<sup>vii</sup> A cartilha intitulada “Os Potiguara pelos Potiguara”<sup>viii</sup> apresenta uma coletânea de textos sobre a História do povo Potiguara. Na apresentação a professora Potiguara Iolanda Mendonça afirma que:

O processo de conceber e divulgar esta obra, busca também construir, para reverter as versões negativas do desrespeito e discriminação, integrando assim, de forma interdisciplinar a realidade local às questões específicas a escola, dando lugar à pedagogia a busca, do desafio, do encontro, da esperança, da realização e da transformação.

Os professores e alunos das escolas Potiguara, ao revisitarem as histórias narradas pelo grupo, escrevem novas narrativas sobre memória, história, respeito, igualdade, cidadania, educação, dentre outras questões que são suscitadas a partir da leitura da cartilha. Apesar do orgulho do grupo ao apresentar um trabalho cujo próprio título busca reafirmá-los enquanto autores de suas próprias histórias, reclamam das diferenciações feitas pelas instituições que classificam o trabalho como cartilha, enquanto que os trabalhos escritos por não-indígenas são qualificados como livros. Essa discussão sobre autoria possivelmente demonstra a necessidade do grupo em ressignificar suas próprias histórias questionando as narrativas escritas sobre o povo Potiguara.

Ao estudar o segundo eixo temático “As relações de poder na Antigüidade Ocidental”,<sup>ix</sup> problematizamos as concepções do tempo, religião, sexualidade, mitos, ritos, cerimônias, oralidade e a produção da memória nas sociedades antigas a partir desse eixo temático várias questões referentes ao grupo emergiram nas discussões, tais como: quais as concepções de tempo que os Potiguara tinham na época da colonização? Quais os mitos, ritos e cerimônias permanecem sendo cultuados pelo grupo? Quem ou quais são os guardiões da memória dos Potiguara? Certamente que estas questões não foram respondidas durante as aulas por demandar pesquisa e leituras, entretanto, a forma como a discussão foi encaminhada permitiu que o grupo refletisse sobre o saber histórico, sobre o significado da “verdade” em história.

A escola onde são ministradas as aulas dispõe de um laboratório de informática ligado a internet o que permitiu desenvolver atividades de pesquisa em sala de aula e manter contato via e-mail com os alunos durante o período letivo. Assim, foi possível discutir questões sobre a antiguidade solicitando que os mesmos pesquisassem informações nos sites sobre as

temáticas trabalhadas: concepções de tempo, religião, sexualidade, mitos, ritos, cerimônias, oralidade e a produção da memória na antiguidade. As pesquisas permitiram uma profusão de imagens, artigos acadêmicos, poesias, músicas, obras de arte, enfim um material riquíssimo que ultrapassava os limites do texto impresso. Esse foi um momento especial, pois alguns (mas) alunos (a) estavam tendo os primeiros contatos com o computador e com a internet. Daí, o desejo de preparar apresentações com slides personalizados com cores, transições e demais recursos que o programa permite. O que demandou tempo para elaboração e ao mesmo tempo satisfação ao produzir e compartilhar com os colegas o trabalho realizado. Ao concluir a atividade, refletimos coletivamente sobre a importância dos recursos tecnológicos nas aulas de história.

Dentre as discussões sobre a antiguidade, uma das temáticas recorrentes nas aulas e que despertou atenção do grupo foram as questões relacionadas à mitologia, sexualidade, rituais e tradição oral. E buscando aproveitar os interesses do grupo, propusemos uma atividade de pesquisa sobre a história dos Potiguara, especialmente sobre os rituais ainda realizados e a tradição oral. A princípio, todos ficaram empolgados, seria um momento para pesquisar, olhar, sentir, ouvir e escrever suas histórias, o objetivo era elaborar pequenos textos sobre as seguintes temáticas: mitos de origem, artesanato, pintura corporal, batismo do cacique, terreiros sagrados, etc.

Nas aulas seguintes, além dos conteúdos indicados pela ementa da disciplina, realizamos o trabalho de acompanhamento das pesquisas, entretanto, percebemos, ao longo do processo, que, mesmo com a vontade de acertar e de fazer o melhor, o grupo enfrentava diversas dificuldades devido ao pouco tempo para realizar o trabalho de leitura, pesquisa e escrita, além de estarem matriculados em outras disciplinas. Também, não podemos esquecer, que o grupo é composto por 48 estudantes, sendo 34 mulheres e 14 homens que trabalham em escolas da região reclamavam do acúmulo de atividades no curso.

E, em meio às dificuldades encontradas para realização da pesquisa, um dos alunos propôs a elaboração de um pequeno vídeo com uma entrevista relacionada às temáticas escolhidas. Deixamos, então, para um momento posterior, a elaboração do artigo, quando os grupos estivessem com tempo para realizar as pesquisas necessárias. A proposta foi

aceita por parte do grupo, principalmente pelos professores que já utilizavam esse recurso nas escolas indígenas onde trabalham, produzindo pequenos vídeos nos quais são retratados eventos realizados nas escolas. Percebendo o impasse que se estabelecia, propusemos duas alternativas: os grupos que desejassem poderiam continuar elaborando os artigos e, os demais, poderiam optar pela elaboração do vídeo. Os grupos que optaram pelo vídeo reafirmavam a importância do mesmo para divulgação dos trabalhos realizados na disciplina nas aldeias, principalmente nas escolas indígenas.

Assim, definidas as temáticas a serem trabalhadas, a turma se dividiu em pequenos grupos buscando revisar as histórias e memórias do povo Potiguara. No final da unidade, recebemos quatro vídeos cujas temáticas foram as seguintes: batismo do Cacique, pintura corporal indígena, plantas medicinais e artesanato; além de 6 textos impressos sobre: plantas medicinais, formatura indígena, brinquedos e brincadeiras infantis dos Potiguara, histórias do Pai do Mangue, histórias sobre as parteiras do Povo Potiguara, e histórias de origens das aldeias Monte Mor e Akajutibiró.

O terceiro eixo “A visão Providencialista da história e a Idéia de Felicidade”<sup>x</sup> foi um outro momento especial na disciplina ao permitir discutir sobre as multiplicidades de percepções e imagens construídas em torno do universo medieval, problematizando os conceitos que foram desenhados (e redesenhados) por uma ampla produção cultural e intelectual e a contribuição da religião para o projeto de salvação e felicidade da humanidade. Além da leitura e discussão de textos sobre o medieval, realizamos uma visita guiada ao Instituto Ricardo Brennand<sup>xi</sup> em função das possibilidades de reflexão que seriam possíveis a partir do acervo da instituição. A visita foi planejada e embasada na sugestão de Bittencourt (2006) acerca da visita a museus buscando “desencadear uma ação educativa que estimule a sensibilidade à linguagem plástica.”<sup>xii</sup> Assim, buscamos a construção de sentidos a partir do ato de observar como resultante do encontro de dois lugares: o do visitante e o do objeto observado. Nesse sentido, foi possível, ao retornar da visita, discutir em sala de aula sobre as multiplicidades de percepções e imagens construídas em torno do universo medieval. Também foram discutidas questões locais relacionadas a ausência de espaços voltados para a preservação da cultura material do povo Potiguara.

No quarto eixo temático “Razão e religião na construção do homem moderno”, <sup>xiii</sup> propusemos analisar a constituição do mundo moderno a partir de dois marcos historiográficos clássicos: a Reforma Protestante e a Contra Reforma; e o Renascimento e a emergência de sensibilidades fundadoras de novas formas de percepções e interpretação do mundo. Para tanto, dialogamos com uma bibliografia <sup>xiv</sup> básica relacionada com o tema.

Após a discussão dos textos propostos para pensar o eixo temático, sugerimos a análise do filme “Lutero” <sup>xv</sup> e vivenciamos um momento especial na disciplina quando foram discutidas questões sobre quais imagens foram delineadas e redelineadas acerca do projeto de salvação do mundo medieval pela Igreja Católica. Assim, algumas questões foram suscitadas, a exemplo das seguintes: como esse projeto chega às colônias portuguesas? De que forma foram elaborados? Como os Potiguara vivenciam, hoje, suas experiências religiosas? Percebemos, por meio das proposições apresentadas, que havia um interesse recorrente em entender a si próprio, a religiosidade dos Potiguara e a presença das igrejas católicas e evangélicas na comunidade.

### **Algumas considerações**

No decorrer do semestre, buscamos assumir uma postura de professor/orientador em sala de aula, afastando-nos do antigo papel de transmissor de informações. Os alunos (as) foram estimulados a construir cotidianamente o processo de aprendizagem, ao invés de repetidores de textos lidos, e foram instigados a perceber o conhecimento enquanto um processo que pressupõe investigação, reflexão, escrita e reescrita de novas histórias ditas, lidas, contadas, silenciadas, questionadas e sonhadas.

Para alcançar os objetivos propostos, foi fundamental pensar a avaliação enquanto processo contínuo em que a aprendizagem não acontece de forma excludente e seletiva entre os que estão aptos e os não aptos. Ao contrário, nos baseamos em uma aprendizagem a partir da vivência de situações de ensino que favorecem a aplicação de conhecimentos, a formação de atitudes e o desenvolvimento de habilidades necessárias para formação do profissional de ensino a partir dos olhares e desafios da contemporaneidade.

Estudar, escrever, pensar sobre o ensino de história permitiu suscitar novas problematizações sobre a necessidade de pensar sobre como estamos nos olhando (professores), como os outros nos olham (alunos) e de que forma somos mobilizados a partir desses encontros que acontecem cotidianamente nas nossas salas de aulas para pensar sobre o diferente, sobre aquele que chega as nossas vidas e nos faz reelaborar conceitos e pensar sobre a necessidade do respeito à cidadania e à diferença.

## Notas

---

<sup>i</sup> No segundo semestre de 2010 os alunos estavam matriculados nas seguintes disciplinas: História Geral I, História Indígena, Geografia Geral I, Língua Portuguesa, Pedagogia da Alteridade e Direito Indígena.

<sup>ii</sup> O Programa de Apoio à Implantação e Desenvolvimento de Cursos de Licenciatura para Formação de Professores Indígenas (PROLIND) faz parte de um programa nacional desenvolvido pelo Ministério da Educação, por meio da Secretaria de Educação Superior (SESu) e da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD). No Estado da Paraíba, o PROLIND está sendo realizado pela Universidade Federal de Campina Grande em parceria com a Organização de Professores Indígenas Potiguara – OPIP com o apoio da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), da Secretaria de Projetos Estratégicos da UFCG/Reitoria, do Laboratório de Estudos em Movimentos Étnicos (LEME) e do Projeto Universidade Camponesa (UniCampo).

<sup>iii</sup> [http://www.ufcg.edu.br/~spe/documentos/prolind/ppc\\_de\\_licenciatura\\_indigena\\_ufcg.pdf](http://www.ufcg.edu.br/~spe/documentos/prolind/ppc_de_licenciatura_indigena_ufcg.pdf) Acesso em 12/06/2010

<sup>iv</sup> REIS, José Carlos. *História e Teoria. Historicismo, Modernidade, Temporalidade e Verdade*. 3ª ed. Rio de Janeiro: ed. FGV, 2006. [1ª ed. 2003]

<sup>v</sup> NARRADORES de Javé. Direção: Eliane Caffé. Produção: Vânia Catani. Roteiro: Luis Alberto de Abreu e Eliane Caffé. Interpretes: José Dumont, Matheus Nachtergaele, Gero Camilo, Nelson Dantas e outros. Rio de Janeiro. Estúdio: Bananeira Filmes / Gullane Filmes / Laterit Productions. 2003. Fita VHS (100min.), son, color. Nada mudaria a rotina do pequeno vilarejo de Javé se não fosse o fato de cair sobre ele a ameaça repentina de sua extinção: Javé deverá desaparecer inundado pelas águas de uma grande hidrelétrica. Diante da infausta notícia, a comunidade decide ir em defesa de sua existência pondo em prática uma estratégia bastante inusitada e original: escrever um dossiê que documente o que consideram ser os "grandes" e "nobres" acontecimentos da história do povoado e assim justificar a sua preservação. Se até hoje ninguém preocupou-se em escrever a verdadeira história de Javé, tal tarefa deverá agora ser executada pelos próprios habitantes. Como a maioria dos moradores de Javé são bons contadores de histórias, mas mal sabem escrever o próprio nome, é necessário conseguir um escrivão à altura de tal empreendimento. É designado o nome de Antônio Biá, personagem anárquico, de caráter duvidoso, porém o único no povoado que sabe escrever fluentemente. Apesar de polêmico, ele terá a permissão de todos para ouvir e registrar os relatos mais importantes que formarão a trama histórica do vilarejo. Uma tarefa difícil porque nem sempre os habitantes concordam sobre qual, dentre todas as versões, deverá prevalecer na memória do povoado. Na construção deste dossiê, inicia-se um duelo poético entre os contadores que disputam com suas histórias - muitas vezes fantásticas e lendárias - o direito de permanecerem no patrimônio de Javé. Fonte <http://www.webcine.com.br/filmessi/narrjave.htm> Acesso em 05/12/2010.

<sup>vi</sup> CARDOSO, Heloísa Helena Pacheco. Narradores de Javé: histórias, imagens, percepções. In. Fênix –Revista de História e Estudos Culturais. Abril/maio/junho de 2008. Vol 5. Ano V, Nº 2. p. 3

<sup>vii</sup> Para refletir sobre a escrita da história na contemporaneidade foi utilizado o texto de ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. “Introdução” (pp. 19-37). In *A invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: FJN; Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 1999.

<sup>viii</sup> Professores e alunos Potiguara. Os potiguara pelos Potiguara, João Pessoa: ERA de João Pessoa: Brasília: CGDOC/FUNAI, 2005. O trabalho foi coordenado por Célia Maria da Silva (FUNAI) Iolanda dos Santos Mendonça (professora Potiguara) e Tânia Maria de Andrade (CEFET). Neste artigo não temos a pretensão de discutir acerca da pesquisa, elaboração e da repercussão do trabalho para o grupo, entretanto, devemos reafirmar a necessidade de estudos que revisitem as narrativas escritas pelo Povo Potiguara.

---

<sup>ix</sup> A discussão foi permeada a partir da leitura de: FINLEY, M. *Os gregos antigos*, Trad.: Artur Morão, Lisboa: Edições 70, 1988. 178p; e GIBBON, Edward. *Declínio e queda do império romano*, Trad.: José Paulo Paes, São Paulo: Companhia das Letras, Círculo do Livro, 1989.504p

<sup>x</sup> A discussão foi pensada a partir dos seguintes textos: D'HAUCOURT, Geneviève. *A vida na idade média*, Trad.: Marisa Déa, São Paulo: Martins Fontes, 1994. 134p. e a LE GOFF, Jacques. *A civilização do Ocidente medieval*. Lisboa: Estampa, 1983, I e II vols.

<sup>xi</sup> O Museu de Armas Castelo São João foi criado pelo colecionador pernambucano Ricardo Brennand, que há mais de cinquenta anos vem adquirindo obras de arte das mais diferentes procedências e épocas, cobrindo um espaço de tempo entre os séculos XV e XXI, com peças provenientes da Europa, Ásia, América e África. <http://www.institutoricardobrennand.org.br/index2.html> acesso em 12/06/2010.

<sup>xii</sup> (BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2009. p.355

<sup>xiii</sup> A reflexão foi estruturada a partir d leitura de: PERROT, Michelle. (Org.) *História da vida privada, 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. Tradução de Denise Bottman. São Paulo Cia. das Letras, 1991 e

<sup>xiv</sup> Trabalhamos especialmente com os seguintes autores: ANDERSON, Perry. *Linhagens do Estado absolutista*. Tradução de Telma Costa. Porto, Edições Afrontamento, 1984. ARIÈS, Philippe & BÉJIN, André. *Sexualidades Ocidentais*, São Paulo: Brasiliense, 1987 e ARIÈS, Philippe e DUBY, Georges. *História da vida privada, 3: Da Renascença ao século das Luzes*. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo, Cia. das Letras, 2006.

<sup>xv</sup> LUTERO. Direção: Eric Till. Produção: Dennis A. Clauss, J. Dan Nichols e Gabriela Pfändner. Interpretes: Joseph Fiennes, Alfred Molina, Bruno Ganz, Jonathan Firth. Germany. Estudio Casablanca Filmes/2003.DVD. 123 mins. son, color. Sinopse do filme Lutero Após quase ser atingido por um raio, Martinho Lutero acreditou ter recebido um chamado e se juntou ao Monastério. Ainda jovem e admirado, logo se vê atormentado pelas práticas da Igreja Católica da época. As tensões se intensificam quando prega suas 95 teses na porta da Igreja. Obrigado a se redimir publicamente, se recusa a negar os seus escritos até que a Igreja Católica consiga provar que suas palavras contradizem a Bíblia. Preso e excomungado, foge. Mesmo vivendo como um criminoso numa aventura emocionante, mantém sua fé e luta para que todas as pessoas tenham acesso a Deus. <http://www.sinopsedofilme.com.br/mostrar.php?q=124> acesso em 10.05/2010.